



Tradição e Ousadia

Conheça o jardim do Instituto Moreira Salles, no Rio de Janeiro. Projetado por Burle Marx, quase 50 anos depois de sua execução, ele foi caprichosamente restaurado pela paisagista Isabel Duprat



Era a década de 50. Roberto Burle Marx, o brasileiro hoje considerado pai do paisagismo tropical, cumpria a primeira fase de seu trabalho. Entre seus projetos, estavam os jardins da residência do embaixador Walther Moreira Salles, no bairro da Gávea, no Rio de Janeiro. Como se fosse apenas a primeira de uma série de obras de arte que a casa abrigaria, o jardim, não imaginava seu criador, hoje é atração turística. Mas isso só aconteceu depois que a mansão, que parecia ter como

Originária da Índia, Filipinas e África Tropical, a cica, também conhecida popularmente como palmeira-samambaia (*Cycas circinalis para os botânicos*) é um arbusto semilenhoso de grande porte. Devido às ramificações que saem de seu tronco, ele chega a atingir até quatro metros de altura.

De crescimento muito lento, é comum que seja utilizado em paisagismo tanto isolado quanto formando grupos. Trata-se de uma espécie ideal para o plantio em parques, jardins extensos e outras áreas abertas. Quando jovem, fica muito vistosa se cultivada em vasos. Neste caso, nada impede que seja plantada dentro de casa, até porque vai bem a meia-sombra ou a sol pleno.

Nos exemplares femininos, formam-se frutos esféricos, que germinam alguns meses depois de semeados. Pode ser multiplicada facilmente por meio de brotações que nascem no tronco.



Foto: Claudia Jaguaribe

Isabel Duprat: restauração do Instituto em uma homenagem a Burle Marx





destino as artes, passou por uma completa restauração e se transformou em um pólo de cultura: o Instituto Moreira Salles, que sedia projetos nas áreas de fotografia, literatura, cinema e artes plásticas. A responsável pela obra de restauração da parte externa foi a paisagista Isabel Duprat, de São Paulo, que sugeriu a tarefa de retornar à vida algumas espécies doentes e ordenar as espécies que Burle Marx dispôs com perfeição. "O diagnóstico do jardim evidenciou sua composição por

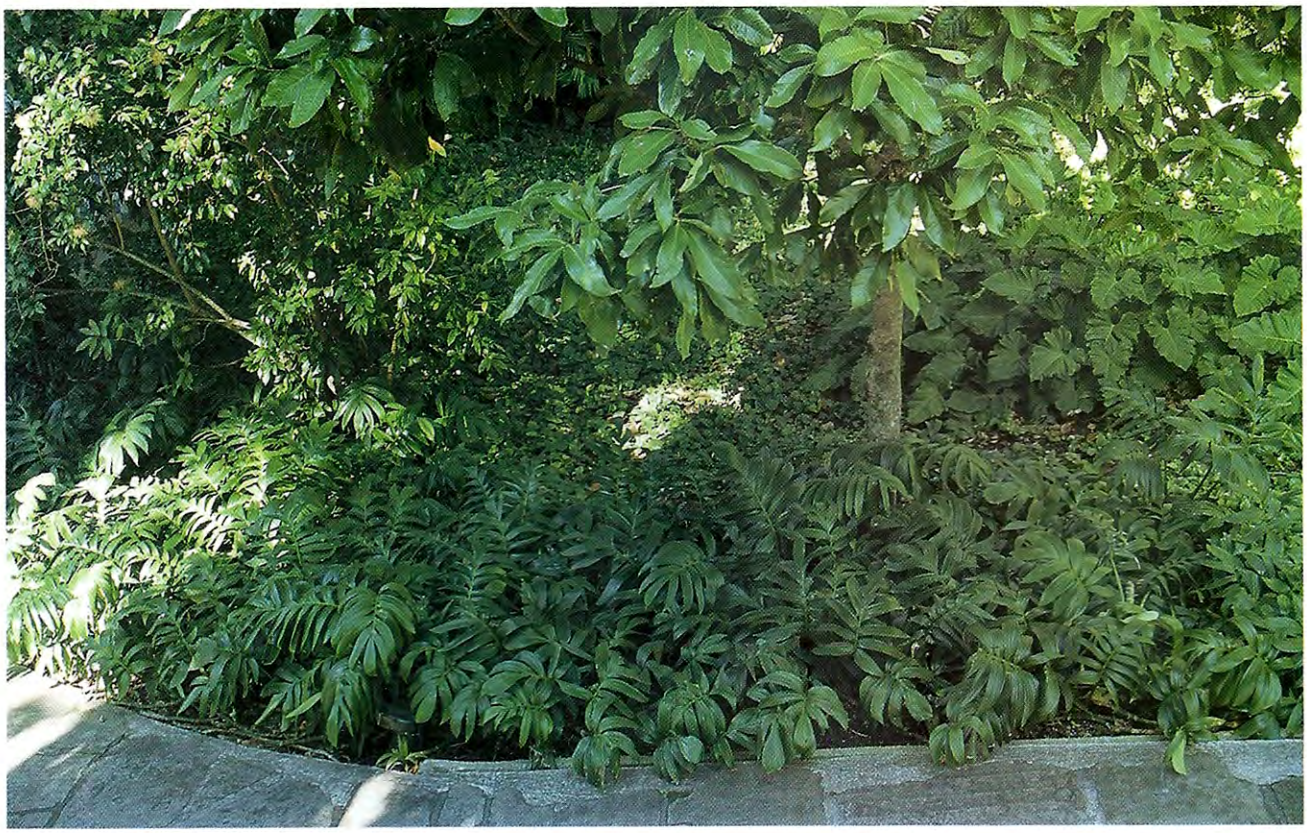


Conhecida como dinheiro-em-penca, a *Pilea nummularifolia*, da família das urticáceas (*no detalhe ao lado*), tem folhas que lembram o formato de moedas, daí o seu nome popular. Herbácea perene, nativa da América Tropical, pode ser cultivada a meia-sombra, em vasos, jardineiras suspenas e também como forração. Nesse caso, o terreno deve ser rico em matéria orgânica e úmido. A reprodução se dá por ramagem enraizada e por estacas.

Já a grama-preta (*na foto acima*), chamada cientificamente de *Ophiopogon japonicus*, apesar de não ser uma espécie tropical — afinal, sua origem está na China e no Japão — costuma ser bastante utilizada em jardins desse tipo. Isso porque ela se assemelha a uma forração e vai bem na sombra ou meia-sombra. Também é utilizada como bordadura, em substituição à grama, pois não suporta pisoteio. Não precisa de corte e deve ser cultivada em terra rica em matéria orgânica, com boa umidade.







áreas bastante diferenciadas. Elas foram tratadas segundo posturas de intervenção também específicas", conta Isabel. Exemplo disso foi o jardim frontal (*que você vê nas duas páginas anteriores e nas duas próximas*), o primeiro que o visitante encontra ao entrar no Instituto Moreira Salles. Marcado por espécies tipicamente tropicais, como diversos tipos de palmeiras e árvores de grande porte, a exemplo de uma enorme jaqueira, que já se encontrava no terreno quando Burle Marx colocou suas mãos

Da família das aráceas, o guaimbê-sulcado (*Rhaphidophora decursiva*) é uma herbácea ascendente. De folhas bastante recortadas, a planta, que é tropical por excelência, pode atingir de 5 a 10 metros de altura. É preciso, no entanto, que encontre uma estrutura onde possa se apoiar.

É ideal para ser cultivado a meia-sombra próximo a árvores, palmeiras, à beira de muros, cercas etc. Na realidade, qualquer local onde possa se ramificar e formar belas composições é "visto pela espécie com bons olhos". Originária da Índia e da Conchinchina, não suporta baixas temperaturas. Portanto, para que possa se mostrar vistosa e saudável, deve ser plantada em regiões de clima quente.

A multiplicação do guaimbê-sulcado pode ser feita por estacas. Há, neste processo, porém, um inconveniente. É que suas raízes devem ser formadas, de preferência, em estufa.







nessas terras, esse espaço precisou de muitos cuidados. "Para a restauração do projeto original, foi necessária a remoção de todas as forrações e folhagens. Depois, feita uma reorganização das espécies, além do preparo do terreno com afofamento e adubação, já que há muito tempo o local não recebia tratamento", lembra ela. Como o jardim frontal é basicamente composto por plantas de cor verde-escuro e muita sombra, a paisagista, com base no projeto original, propôs algumas mudanças. Mas

Da família das aráceas, a xantosoma (*Xanthosoma lindeni*), também conhecida por yantia, malanga e tanior, é uma herbácea perene, que pode tanto ser cultivada em vasos e jardineiras ou diretamente no solo, formando belos maciços.

Originária da Colômbia, alcança de 20 a 40 centímetros de altura. Precisa de solo rico em matéria orgânica e com boa umidade. Suas folhas possuem nervuras brancas e, esporadicamente, surgem inflorescências, sem valor ornamental. Recomendada apenas para regiões de clima quente, não suporta geadas. Sua multiplicação ocorre por divisão de rizomas, em qualquer época do ano.

Já o *Philodendrom lacerum* (*na foto maior*) é uma espécie nativa de Cuba, Haiti e Jamaica, cujas folhas chegam a alcançar 75 centímetos. Além de servir como uma bela forração, nesse caso o *Philodendrom* fez também o papel de uma trepadeira.







sempre respeitando as texturas, formas e desenhos feitos pelas folhagens e pela grama. O resultado foi uma interessante combinação de espécies da família das aráceas, como a xantosoma, a jibóia, utilizada como forração, junto com o guaimbê-sulcado (*veja na página anterior*). Depois de percorrer a vegetação verde que preenche todo o jardim frontal, a primeira surpresa que se obtém, andando em direção à antiga casa do embaixador, são grandes jambeiros (*foto maior*).

O jambeiro (*Syzygium malaccensis*), foto maior, é uma árvore da família das mirtáceas, originária da Índia. Pode atingir 15 metros de altura.

Além do fruto, o jambo, que possui um agradável aroma e sabor parecido com damasco, essa árvore apresenta belíssimas flores cor-de-rosa (*foto menor*), porém pouco visíveis, pois nascem no interior da copa.

De clima tropical e subtropical, não suporta solo encharcado e precisa de sol pleno para se desenvolver bem. A propagação ocorre por sementes, que devem ser plantadas em covas de 60 centímetros de profundidade por 60 centímetros de diâmetro, com espaçamento de seis metros entre as mudas.

Já o *Philodendrom speciosissimum* (*na foto acima*), é uma espécie nativa do Brasil, cujas folhas também crescem muito, alcançando cerca de 75 centímetros. Típico de climas tropicais, gosta de umidade.



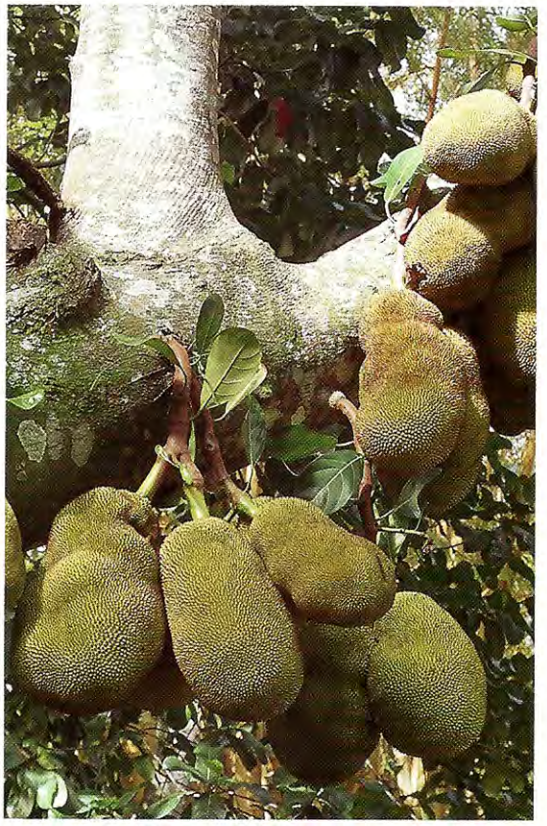
Foto: Silvestre Silva



Árvore frutífera, ela promove um verdadeiro espetáculo quando as pétalas cor-de-rosa de suas flores (*no detalhe da página anterior*) formam um bonito tapete no chão. Para manter a paisagem nitidamente tropical, um exuberante filodendro também se adaptou muito bem no local.

Circundando a casa, que foi projetada na década de 50 pelo arquiteto Olavo Redig de Campos, e restaurada por Maria Luiza Dutra e Walter Menezes para que se transformasse no Instituto, é possível encontrar diversos exemplares de árvores bem-adaptadas à flora tropical brasileira. Há entre elas, uma jaqueira, que em pleno inverno exibe grandes frutos. As árvores e palmeiras, aliás, recebem cuidados especiais. "Fizemos uma limpeza e tratamento fitossanitário em todas elas e removemos as que estavam condenadas", afirma a paisagista.





A jaqueira (*Artocarpus heterophyllus*) é uma árvore de origem asiática, mais precisamente da Índia, que se adaptou muito bem ao Brasil. Da família das moráceas, precisa de sol pleno e clima quente e úmido para se desenvolver bem.

Gosta de solo arenoso, sem muita umidade, e chega a atingir até 20 metros de altura. Sua grande atração, os frutos, que são grandes e pesados, surgem no verão. Já as flores desabrocham na primavera. Seu tronco é grande, podendo alcançar um metro de diâmetro. A propagação se dá por sementes.



Como uma das marcas registradas desse jardim são as espécies exóticas, aqui, bem perto de uma jaqueira e de um jambeiro, uma seafórtia surpreende. Uma prova que neste jardim Burle Marx não teve receio de ousar, utilizando uma porção de diferentes espécies de palmeiras.

Isolada, em vez de solitária, ela garante um bonito efeito tropical a essa passagem, que poderia ter passado despercebida. Não foi o caso. Quem desce rumo aos fundos da casa não deixa de notar esse exemplar, originário da Austrália, que exibe um verdadeiro cacho de frutinhos vermelhos. Ideal para composições em parques e jardins, a seafórtia possui, ainda, uma curiosidade: um palmito espesso e vistoso no topo. Essa é apenas mais uma espécie que faz dos jardins do Instituto Moreira Salles uma importante reserva de cultura e patrimônio ecológico do Rio de Janeiro.

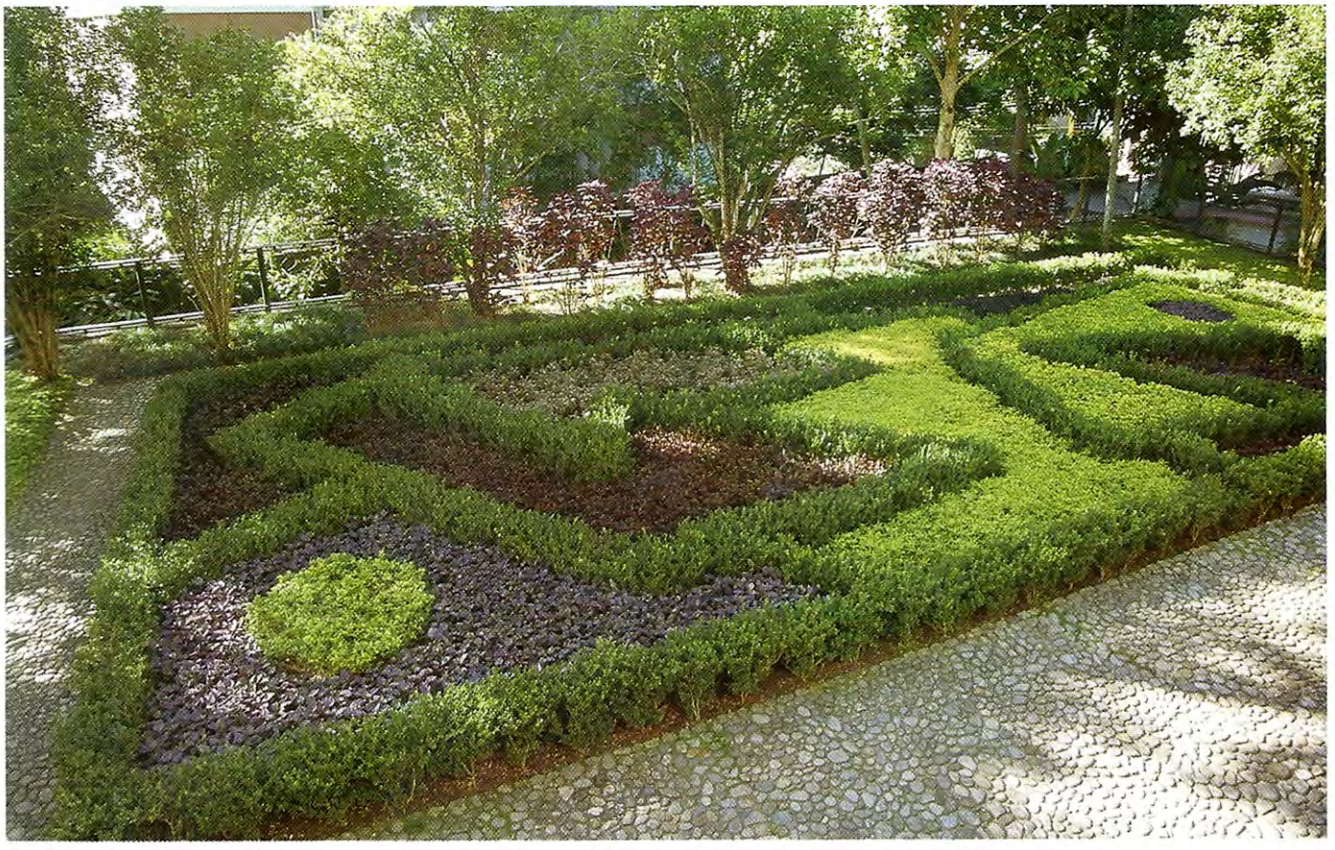




A seafórtia (*Archontophoenix cunninghamii*), uma espécie de palmeira originária da Austrália, possui tronco simples, delgado, com um diâmetro médio de 18 centímetros. Chega a atingir de 8 a 10 metros de altura.

Vai bem em sol pleno, e também tolera clima temperado. No paisagismo, pode ser utilizada isolada, em grupos ou fileiras. Sua frutificação ocorre de forma abundante nos meses de primavera. De crescimento moderado, a reprodução se dá por sementes, que germinam em cerca de 65 dias.





Mas antes de fazer todo o contorno para chegar à lateral da casa, uma novidade: um espaço que parece até destoar do restante. Chamado de jardim geométrico, a primeira impressão é de que ele não constava do projeto original. Mas Isabel adverte: "foi, sim, o próprio Burle Marx quem o criou. Acredito que isso tenha sido uma grande ironia dele em relação aos jardins franceses clássicos", opina a paisagista. Totalmente reconstituída, essa área, que tem aproximadamente 190 metros

Fazendo pano de fundo para o divertido jardim geométrico de Burle Marx (*foto acima*), uma interessante composição de psederânthemos forma um tipo de uma parede ou cerca viva, como mostra a foto maior.

Originária da Polinésia, na Ásia, a *Pseuderanthemum atropurpureum* (*detalhe na foto ao lado*) é um arbusto denso de até dois metros de altura. Suas folhas pequenas, podem chegar a 15 cm de comprimento. Apresenta também diminutas flores cor-de-rosa, que desabrocham praticamente o ano inteiro.

Pode ser cultivado a sol pleno ou meia-sombra. Sensível ao frio, prefere clima quente e úmido. Vai, portanto, especialmente bem nas regiões litorâneas do País. Gosta de água, mas não suporta solo encharcado, podendo ser regada duas vezes por semana. Gosta de solo arenoso e se reproduz por estaquias de galhos.





quadrados, obedece, segundo Isabel Duprat, a uma linguagem abstrata de disposição das espécies.

Depois de se surpreender com o jardim geométrico, a sensação que o visitante tem ao percorrer a lateral esquerda da casa, que vai dar no recanto da piscina, é de um retorno à típica paisagem tropical de folhas grandes e muito verdes. Como esse é um local de muita sombra, espécies como o lírio-da-paz, que formam grandes canteiros, foram extremamente bem-vindas.

Ocupando uma área total de 7.800 metros quadrados, o jardim do Instituto Moreira Salles é multifacetado. Aqui, por exemplo, reina a integração com antigos exemplares presentes na vegetação local e os desenhos formados a partir de diferentes massas de cor. Trata-se de uma referência ao jardim frontal, que equilibra as composições.





O lírio-da-paz ou bandeira-branca (*Spathiphyllum cannaefolium*), da família das aráceas, pode ser cultivado tanto em vasos como em jardineiras ou ainda no solo, formando maciços. Precisa de terra rica em matéria orgânica, com boa umidade.

Herbácea perene e entouceirada, é originária da América do Sul e atinge de 60 a 70 centímetros de altura. Possui uma inflorescência branca (*detalhe na foto menor*), que se forma principalmente na primavera e no verão. Multiplica-se por divisão de touceiras, em qualquer época do ano.

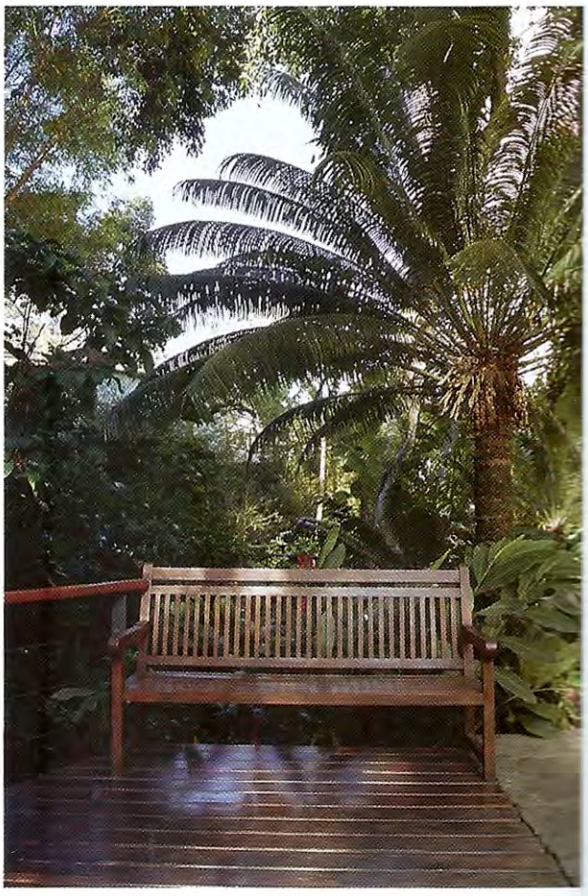


Continuando o percurso, um bonito deque de madeira, que foi construído durante as obras de restauração, convida ao descanso.

Em linhas circulares, que acompanham o traço arquitetônico da casa, o local permite a contemplação de um curso de água que corre na lateral. De nome Rio Rainha, ele contribui para o clima tropical úmido de floresta. Em todo esse espaço, em que foi necessária a recomposição da cobertura do solo, trabalho contra pontos de erosão, as espécies recuperadas foram multiplicadas ao longo do jardim.

E tudo de novo o que foi elaborado, conta Isabel, seguiu as características arquitetônicas e a vegetação preexistente no local. Exemplo disso é um grande tufo de bambus, que já se encontrava no terreno. Apesar de não ser tropical, ele foi cautelosamente respeitado.





Formando a composição com o banco, um exemplar adulto de *Cycas circinalis* faz o pano de fundo e garante privacidade para quem deseja descansar um pouco. Ao lado dela, um belo maciço de *Alpinia purpurata* preenche o recanto e contorna a lateral da passagem.

À frente de quem está sentado apreciando a paisagem, a vegetação se expande, enroscando-se e mostrando a exuberância da mata nativa tropical. Mesmo na área dos fundos da casa, o cuidado paisagístico é impecável.

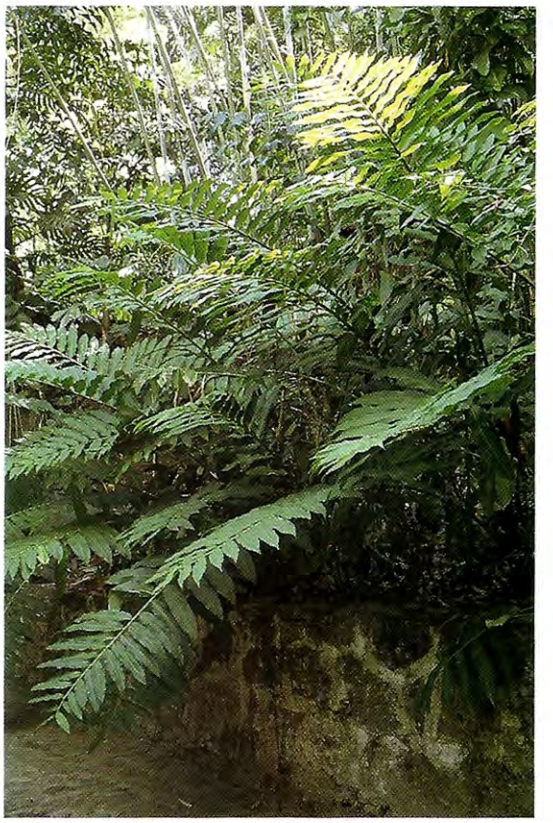


Seguindo o pequeno leito do Rio Rainha, o visitante encontra mais uma espécie pouco convencional: o gengibre-magnífico. Ele fica, aliás, em um local acessado apenas por uma escada estreita de ferro e por pessoas que estejam realmente interessadas em conferir os exemplares dessa verdadeira exposição ao ar livre.

Com uma vasta folhagem, o gengibre, que merece o nome que tem, preenche o canteiro, repicando e colorindo a paisagem com suas belas inflorescências. Sustentadas por uma firme haste, elas garantem os tons de amarelo e vermelho do lugar, desenhado com perfeição.

Na verdade, nem dá para saber quais plantas já estavam lá e o que foi plantado. Característica forte nos projetos de Roberto Burle Marx, ela foi apenas confirmada por Isabel Duprat neste projeto de restauração.





Da família das zingiberáceas, o gengibre-magnífico (*Zingiber spectabile*) é uma herbácea entouceirada, com origem na Malásia. Possui folhas aveludadas na face inferior, que podem atingir até dois metros.

No verão, surgem lindas inflorescências (*foto maior ao lado*), cujas brácteas mudam de cor, passando de amarelas para vermelhas com a idade. Suas flores são branco-amareladas. Pode ser cultivada isolada ou em grupos. Vai bem em meia-sombra e em solo rico em matéria orgânica, sempre úmido. Multiplica-se por divisão de touceiras.





Depois do passeio por toda a lateral, chega-se, finalmente, ao jardim da piscina e espelho d´água. Com aproximadamente 300 metros quadrados, ele também passou pelas mãos de Isabel Duprat. Neste local, lembra ela, existiam muitas espécies do desenho original, como as árvores imbaúbas, cercadas por moréias (*veja foto maior ao lado*). Outras, no entanto, que eram estranhas ao projeto, como agaves e algumas dracenas tricolor, foram removidas para dar espaço a plantas diferentes.

Moréia-bicolor, dietes ou simplesmente moréia (*Dietes bicolor*), esta espécie da família das iridáceas é ótima para a formação de bordaduras e maciços.

Herbácea perene, entouceirada, ela possui folhagem ornamental, que atinge até 70 centímetros de altura. Originária da África do Sul, possui flores amareladas manchadas de laranja e marrom no centro (*detalhe na foto menor*), que surgem várias vezes ao ano.

Precisa de solo úmido, rico em matéria orgânica. Tolera baixas temperaturas e sua multiplicação se dá por divisão de rizomas.

Dispostas em um canteiro, cujo traçado é todo recortado em linhas retas, as moréias acompanham a sinuosidade das curvas da piscina (*foto maior e acima*). Singelas, elas bordam os troncos de exóticas árvores, conhecidas como imbaúba (*Cecropia pachystachya*).





O jardim da piscina, que contava com muitas espécies escolhidas por Burle Marx, recebeu plantas exóticas, como o açaizeiro. Típica da região Norte do País, a palmeira, que compõe a área nobre da casa, é bem pouco utilizada no paisagismo no Sudeste.

Com ramificações, troncos múltiplos e folhagem abundante que sai praticamente desde o solo, esta palmeira é considerada uma espécie bastante ornamental. Ela dá volume a esse local, que funciona como uma espécie de cartão-postal dos jardins do Instituto Moreira Salles. Isabel Duprat conta ainda que nesse trecho, que também passou por restauração, muitas espécies foram revistas. Isso porque grande parte delas cresceu durante algum tempo desordenadamente. Nem mais nem menos importantes, novas plantas, como íris e biris, foram introduzidas, acompanhando o que estava proposto no projeto original.





O açaí (*Euterpe oleracea*), ou açaizeiro, é uma palmeira típica dos Estados do Pará, Amazonas, Maranhão e Amapá, principalmente no estuário do Rio Amazonas. Sua grande atração são os frutos, também conhecidos por açaís, que surgem de forma abundante no verão e ficaram populares como ingrediente de sucos e alimentos energéticos.

Do tronco do açaizeiro também é extraído o palmito. Gosta de solo bastante úmido, quase alagado. A reprodução pode ser feita por sementes, que germinam em cerca de 30 dias.



Mas não é só o açaizeiro a grande atração desse recanto do jardim. Reforçando a proposta de utilizar espécies tipicamente tropicais, que crescem muito bem no Rio de Janeiro, ganhando um vigor especial, Burle Marx lançou mão de uma bela bananeira-ornamental. Ela é a responsável por conferir volume a este canteiro.

Para contrapor as folhas altas e grandes da bananeira, a simplicidade do lírio-de-são-joão, que foi utilizado como uma pequena bordadura, empresta sua folhagem fina, preenchendo totalmente o espaço e dando-lhe um efeito estético bastante interessante.

O biri (*Canna indica*) também marca presença neste canteiro, graças ao intenso tom de vermelho de suas flores. Aqui, além da característica folhagem verde tropical, um toque de flor dá charme ao jardim.





Da família das musáceas, a *Musa ornata (fotos destas páginas)*, também conhecida como bananeira-ornamental, é um arbusto ereto, originário de Málaga. Com inflorescências cor-de-rosa e florezinhas amarelas (*detalhe acima*), que se formam na primavera e no verão, é bastante ornamental. No paisagismo, pode ser cultivada tanto isolada quanto em grupos. Atinge de dois a três metros de altura e precisa de terra fértil e sol pleno para que se desenvolva bem. A propagação ocorre por meio de mudas, que surgem nas brotações dos rizomas. É utilizada também como flor de corte.





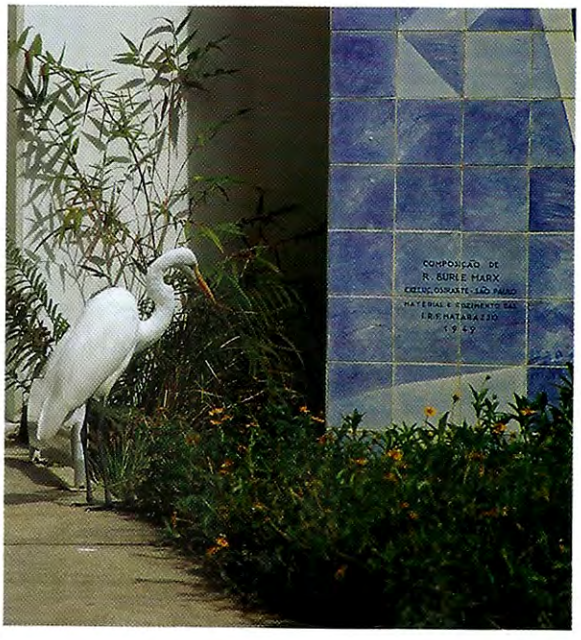
Depois de apreciar diversas espécies exóticas, novas surpresas aguardam o visitante na piscina. Nesta área, a principal atração é o painel azul e branco, em estilo português, projetado pelo próprio Burle Marx — o que é, aliás, uma outra característica presente em outros de seus projetos paisagísticos.

Hoje ocupada por um espaço de lazer e lanchonete, esse espaço tem ainda a visita ilustre de uma garça, que habita o lago.

Da família das liliáceas, a dracena-de-madagascar (*Dracaena marginata*), na foto maior, como o próprio nome sugere, é originária de Madagascar, na África. É uma espécie que garante um belo efeito ao paisagismo, graças aos seus troncos retorcidos e encurvados. De formato exótico, essa espécie é bastante ramificada e pode-se educar seus ramos.

Arbusto volumoso na base, que alonga-se no topo, chega a atingir de dois a quatro metros de altura e possui folhagem, dependendo da variedade, em tons de verde, creme e vermelho.

Precisa, de preferência, de sol pleno, mas vai bem em meia sombra. Não tolera baixas temperaturas. Pode ser cultivada em vasos, em conjuntos ou isoladas. Nesses dois últimos casos, necessita de uma área grande, pois suas raízes são vigorosas. Também é utilizada como planta de interiores. Multiplica-se por estacas, em qualquer época do ano.





Cercado por diversas espécies vegetais, o painel português tem bem ao seu lado, como um tipo de divisória que vai dar no pátio do chafariz, uma enorme árvore macaranga (*Macaranga mappa*).

Bastante rara, ela é de origem australiana e promove uma bela sombra, graças à sua generosa copa. A composição — lago, piscina e árvores exóticas — faz desse local um dos mais atraentes de todo o jardim do Instituto Moreira Salles.

Nesse cenário, em que todos os detalhes foram pensados com grande habilidade e conhecimento das espécies, até uma espécie relativamente comum, a dracena, ganhou um toque artístico. Devido à formação escultural e tortuosa de seus galhos, ela lembra uma obra esculpida. Parece até que tudo foi planejado para que tivesse esses contornos 50 anos depois.





Espécie muito rara, a *Macaranga mappa*, nas fotos desta página, é uma 'prima' da *Macaranga grandifolia*, uma das 240 espécies da família e que é mais comum no Brasil. Como o próprio nome sugere, seu principal atrativo são as folhas, de tamanho bem grande, o que ocorre também na espécie *mappa*.

Árvore de grande porte e difícil reprodução — conseguida apenas pelo processo de alporquia —, é ainda pouco difundida e cultivada no País. Seu crescimento é rápido. A variedade *mappa* desabrocha uma inflorescência avermelhada (*foto à esquerda*).

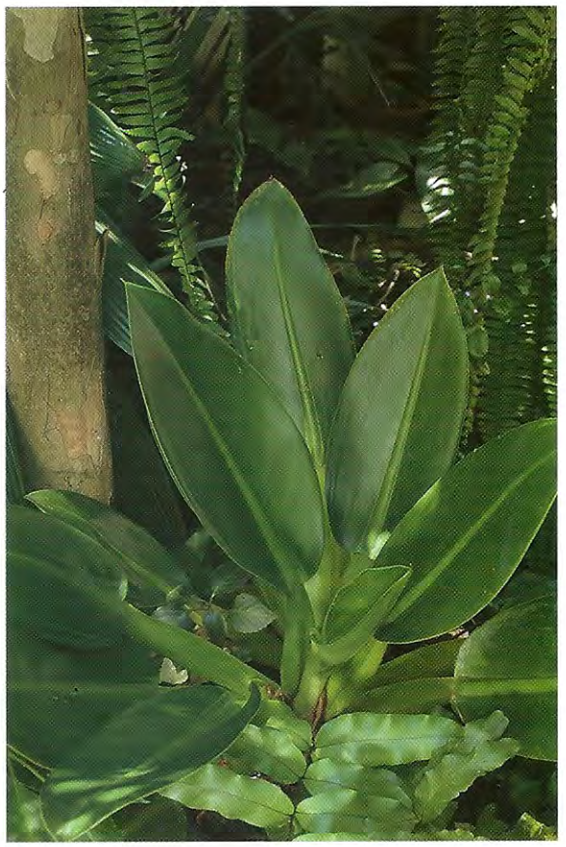


Chegando finalmente ao pátio do chafariz, que tem como principal destaque uma fonte em formato de dragão, Isabel Duprat lembra que algumas reformas no projeto original se fizeram necessárias.

Por solicitação do antigo morador, o embaixador Walther Moreira Salles, o piso, em estilo português, já havia sido substituído, na década de 60, por grandes placas de granito. Quanto à vegetação, também foram precisos alguns cuidados. "As plantas de tamanho grande, como a dracena e a nolina, já estavam plantadas originalmente", afirma.

E o maior trabalho ficou por conta das forrações, que não foram especificadas no trabalho de Burle Marx. Nesse caso, Isabel fez a reconstituição com base em fotografias da década de 60, para garantir a continuidade do estilo.





Nativa do Brasil, a babosa-de-árvore ou babosa-de-pau (*Philodendron martianun*), no detalhe acima e na base da dracena (*foto à esquerda*), é uma espécie epífita, de folhas brilhantes, com inflorescências esporádicas, sem valor ornamental. Ideal para ser cultivada a meia-sombra, vai bem tanto plantada diretamente no tronco de árvores como em vasos e jardineiras. Precisa de terra rica em matéria orgânica, com boa umidade. Como não tolera baixas temperaturas, é indicada apenas para climas quentes. Propaga-se por sementes e também por divisão de estacas.



Entre dracenas, nolinas e a vegetação existente no pátio do chafariz, uma linda orquídea nasceu naturalmente no tronco de uma dracena. Como obra da natureza, essa espécie está bem embrenhada na árvore, devido à ação do tempo.

As duas juntas formam um belo conjunto, disposto de forma a embelezar ainda mais os canteiros do Instituto Moreira Salles. Como se fosse uma grande mistura de folhas e troncos, esse espaço é, ao mesmo tempo, organizado e natural.

Quem sai ganhando é o visitante, que ao percorrer os corredores do antigo casarão enchendo seus olhos com obras-de-arte e fotografias, tem no jardim uma outra grande atração. E pode, se quiser, tambe ter uma pequena lição de biologia, já que muitas espécies foram identificadas com uma plaquinha (*veja foto abaixo*).





Nativa das regiões serranas do Norte do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Sul da Bahia e Minas Gerais, a orquídea *Cattleya warneri* (*na foto maior e à esquerda*) é uma espécie epífita. Pode ser cultivada tanto em sol pleno como a meia sombra. A floração aparece em setembro e outubro. Produz uma haste floral com três a cinco flores, de até 15 centímetros.

Ainda no tronco da dracena, cresce a bromélia *Neoregelia farinosa*, conhecida como taça-vermelha, cujas flores surgem no verão. Desenvolve-se bem em sol pleno e a meia-sombra.





Contornando todo o jardim, tem-se a certeza de o que Burle Marx realizou, Isabel Duprat conservou e aprimorou, como esta composição entre o pandano e uma espécie rara de bromélia, usada como forração. "A proposta não foi efetuar um restauro ortodoxo, mas resgatar a idéia de um trabalho de Burle Marx e prestar uma homenagem a ele", finaliza.

Para visitar: O Instituto Moreira Salles fica na Rua Marquês de São Vicente, 476, Gávea, Rio de Janeiro — fone: (0xx21) 512-6448

Originário da Ásia, Polinésia e Madagascar, o pandano-rasteiro (*Pandanus racemosus*), na foto maior e no detalhe ao lado, é um arbusto baixo, que atinge de meio a um metro de altura. Espécie tipicamente tropical, desenvolve-se bem tanto em meia-sombra como em sol pleno, mas não tolera geadas.

Precisa de espaço para crescer e pode ser cultivado diretamente na terra e também em vasos. Multiplica-se por estacas-ponteiro ou por ramos.

Já a *Cryptanthus bivittatus* (*foto acima*) é uma espécie de bromélia, originária do Brasil, que forma uma roseta com até 25 folhas. De coloração verde, pode assumir também tons diferentes, dependendo da luminosidade e da variedade. Se estiver sob muito sol, elas se tornam avermelhadas ou cor-de-rosa. Precisa de solo rico em matéria orgânica. No verão, produz uma inflorêscencia branca.





< VOLTAR